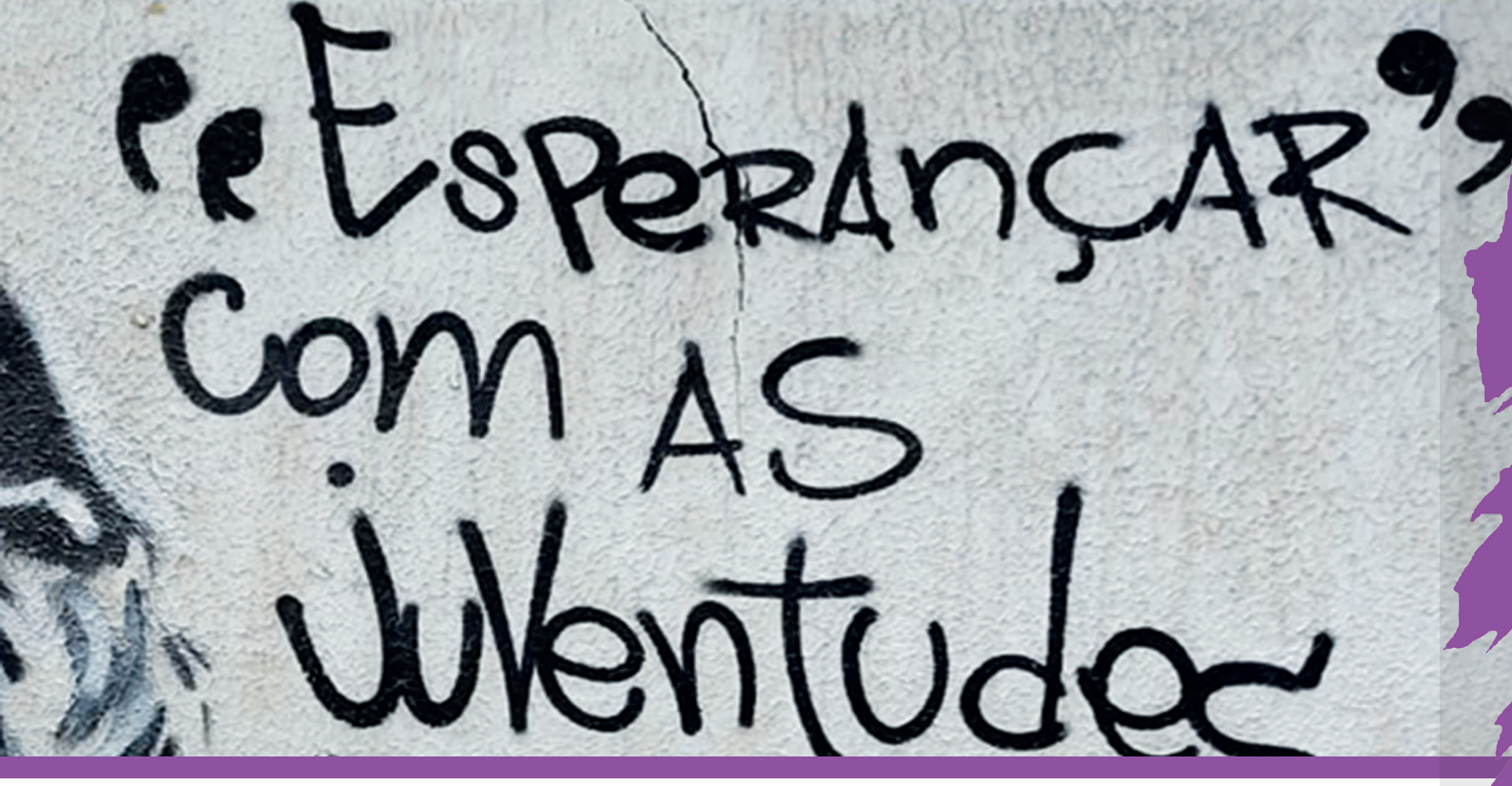


Cadeira de roda, caixão ou cadeia?
Elementos para debater projetos de vida e futuro de jovens em conflito com a lei

Francisco André Silva Martins; Letícia Xavier de Oliveira; Liliane Souza e Silva; Mateus Esteves Vieira; Maria Luiza Alves Martins; Júlia Carla Silva; Herbert Câmara Nick; Herisson Rodrigues Dias; Lucas Eustáquio de Paiva Silva; Flávia Abrão de Castro Viana
Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais - FaE / UEMG
E-mail: francisco.martins@uemg.br

Resumo

O artigo ora apresentado congrega análises e discussões de elementos angariados em uma ação extensionista que envolveu a aplicação de oficinas de formação com o foco na discussão de Projetos de Vida e de Futuro junto a jovens que se encontravam em situação de conflito com a lei. Tais reflexões decorrem de um projeto de extensão desenvolvido em uma faculdade de educação de uma universidade pública situada no Estado de Minas Gerais. Por meio da apresentação da oficina e de seu processo de desenvolvimento junto aos jovens, o trabalho traz o discurso desses sujeitos em relação a suas trajetórias, suas perspectivas, suas ambições e faz um debate que perpassa a singularidade desses sujeitos e a possibilidade de refletirem sobre Projetos de Vida e de Futuro que possam emergir em seus horizontes. Diante de um grupo de sujeitos estigmatizados e tidos como fatidicamente condenados ao fracasso, uma oportunidade como essa pode servir como inquietação capaz de promover sua autorreflexão e a compreensão de seu lugar social.

Palavras-chave: herbário; ensino de botânica; extensão.

Resumen

El artículo aquí presentado reúne análisis y discusiones de elementos recabados en una acción de extensión universitaria que implicó la aplicación de talleres de formación con el foco en la discusión de Proyectos de Vida y de Futuro junto a jóvenes que se encontraban en situación de conflicto con la ley. Dichas reflexiones derivan de un proyecto de extensión desarrollado en una facultad de educación de una universidad pública situada en el estado de Minas Gerais. A través de la presentación del taller y de su proceso de desarrollo junto a los jóvenes, el trabajo trae el discurso de estos sujetos en relación con sus trayectorias, sus perspectivas, sus ambiciones y realiza un debate que atraviesa la singularidad de estos sujetos y la posibilidad de reflexionar sobre Proyectos de Vida y de Futuro que puedan emerger en sus horizontes. Ante un grupo de sujetos estigmatizados y tenidos como fatalmente condenados al fracaso, una oportunidad como esta puede servir como inquietud capaz de promover su autorreflexión y la comprensión de su lugar social.

Palabras clave: jóvenes en conflicto con la ley; proyecto de vida; proyecto de futuro.

Considerações iniciais

O artigo ora apresentado se consolida a partir de reflexões decorrentes de ações que compõem um conjunto maior de atividades vinculadas ao projeto de extensão "Cola Comigo!": trocando ideias com as juventudes, desenvolvido no âmbito da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG[1]. As ações analisadas compõem uma oficina de caráter formativo relacionada à Projetos de Vida e de Futuro que teve seu desenvolvimento em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e com o Fórum Municipal de Medidas Socioeducativas da cidade de Contagem, Minas Gerais, sendo que os sujeitos envolvidos compõem um grupo de jovens que se encontrava em cumprimento de medidas socioeducativas. A oficina foi aplicada na Estação Juventude, um aparelho público vinculado à Secretaria Municipal de Juventude e destinado ao fomento de ações e políticas públicas voltadas às juventudes da referida cidade.

O presente trabalho se organiza da seguinte forma: 1° Tópico - Metodologia: oficinas formativas e emancipatórias, que apresenta a ação extensionista e seu modo de execução; 2° Tópico - Juventudes e Conflito com a Lei: especificidades e estigmas, que debate a condição juvenil e as imagens estigmatizadas e obstáculos enfrentados por tais jovens; 3° Tópico - Projeto de Vida e de Futuro como direito a uma existência digna, no qual o debate aponta as potencialidades de proporcionar aos jovens em conflito com a lei outros horizontes existenciais diante da realidade concreta por eles trazida.

Metodologia: oficinas formativas e emancipatórias

O projeto abordado está alicerçado nas concepções freirianas de extensão universitária (Freire, 1983). O objetivo não é simplesmente transmitir algo, mas construir coletivamente experiências outras que possam servir para democratizar o conhecimento e contribuir para uma maior inserção política e social dos envolvidos. Conforme aponta Paulo Freire:

> A ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade de que sentem aqueles que a fazem, de ir até a "outra parte do mundo", considerada inferior, para à sua maneira, "normalizá-la". Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí que, em seu "campo associativo", o termo extensão se encontre em relação significativa com

1. O referido projeto encontra-se vigente no ano de 2026 e vem sendo contemplado todos os anos, desde 2023, com bolsas discentes, sendo essas advindas de edital próprio para fomento e incentivo da prática extensionista.

> transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc. E todos esses termos envolvem ações que, transformando o homem em quase "coisa", o negam como um ser de transformação do mundo. (Freire, 1983, p. 22).

Dito isso, cabe destacar que entendemos os jovens em conflito com a lei como sujeitos que têm seus direitos negligenciados, sendo inseridos no mundo em lugares de subalternidade e em relação direta com esse mesmo mundo. Isso se dá a partir de uma condição estrutural de controle do perigo que representam. A ambição maior da ação extensionista foi de construir junto aos participantes das oficinas outras imagens sobre a concretude social que os cerca.

> Por meio de encontros dialógicos entre educandos e educadores, busca-se o reconhecimento dos processos e das relações sociais que perfazem a vida social, problematizando os fenômenos da realidade e expondo as contradições cotidianas. O processo educativo acaba por desfazer opiniões e práticas ideológicas, levando também a mudanças efetivas nas convicções dos indivíduos sobre a realidade social (Soares et al., 2019, p. 437).

Longe da anuência com atos infracionais ou crimes de quaisquer ordens, nos compete proporcionar a esses jovens o direito a se redimir de suas falhas, bem como a devida compreensão do lugar que ocupam e do modo como são extirpados da ordem social. A opção pelo uso de oficinas educativas/formativas/emancipatórias toma força pela sua potencialidade como experiência de reflexão e inquietação.

> Processos educativos emancipatórios objetivam promover exposição e compreensão de contradições sociais, com a finalidade de emancipar os homens, isto é, torná-los conscientes do objeto e finalidade das práticas sociais em que estão implicados, e livres para a crítica social e proposição de transformações (Soares et al., 2019, p. 437).

Uma oficina congrega em si ações elaboradas e executadas com um fim específico, com possibilidades infinitas de organização e recursos.

O uso de oficinas educativas/emancipatórias e rodas de conversa não é algo novo, experiências exitosas quanto ao uso de oficinas reforçam seu caráter educativo e plural. Independentemente da temática, a maior necessidade está no ato de escutar tais sujeitos, suas histórias, seu cotidiano, seu relacionamento familiar, sem promover julgamentos morais. Somente o fato de se perceberem ouvidos lhes proporciona o sentimento de sua humanidade, historicamente negado.

A oficina – "E agora José?"[2]: debatendo Projetos de Vida e de Futuro com jovens em conflito com a lei

A oficina se organiza em 5 momentos distintos com duração total de 4 horas. Estrutura demandada: 1) Local apropriado para receber até 25 participantes, com espaço suficiente para dinâmicas; 2) Computador com acesso à internet; 3) Retroprojetor; 4) Equipamentos de mídia que possam ser usados para ouvir música; 5) Rolo de barbante; 6) 3 unidades de cartolina e pincéis para escrever; 7) Fichas de avaliação e caneta ou lápis para os participantes; Lanche a ser oferecido no intervalo da atividade.

O 1° momento da oficina é de sensibilização e tem a duração de 45 minutos. Após as boas-vindas, é colocada a música "Não é sério". Ao término, inicia-se a apresentação dos participantes que se colocam de pé e em roda. O condutor da oficina, tendo em mãos um rolo de barbante, se apresenta e coloca em pauta a pergunta: "Na opinião de vocês, os jovens no Brasil são levados a sério?". Ao terminar, segura a ponta do barbante e joga o rolo para a próxima pessoa, de forma aleatória. É formada uma teia no interior da roda. O coletivo é perguntado sobre o que acham da imagem formada. Nesse momento, é feita a apresentação da proposta de oficina.

2. O título da oficina foi inspirado no poema "E agora José?", do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, que nos parece bem servir para ilustrar a condição de alguém que em dificuldades, solitário e abandonado precisa pensar no que fazer para sair dessa condição e continuar a viver e existir.



O 2° momento da oficina é um diagnóstico dos conhecimentos prévios dos jovens. Esse momento dura 45 minutos e se inicia com a fixação de 3 cartolinas na parede, cada uma delas com uma palavra, sendo essas: Projeto, Futuro e Vida. Os jovens serão convidados a manifestar o que compreendem sobre as palavras, e então faz-se uma síntese do debate. A 1ª Palavra - Projeto: remete à ação de projetar, algo que pode estar no nível das ideias, mas que ainda não foi efetivamente executado. Serve para demonstrar que absolutamente tudo o que fazemos em nossas vidas tem que ser projetado, planejado, pensado, antes de ser efetivamente executado e vai das coisas mais simples às mais complexas. 2ª. Palavra - Futuro: trata-se de algo com relação direta ao tempo: tudo o que ainda não aconteceu. No agora, em alguma medida, aquilo que se planeja já está no futuro. Abordar o futuro e sua relação com o projeto significa compreender a ação de projetar algo ainda inexistente. É importante dar destaque aos vários tipos de projeto, que podem variar entre execuções de curto, médio e longo prazo, de acordo com sua complexidade. 3ª. Palavra - Vida: pode significar a condição de estar vivo, mas também remete a uma variedade enorme de coisas que complementam o exercício do viver. O viver implica em estar inserido em uma ordem social, compreender que a existência humana é obrigatoriamente coletiva, em relação com outras pessoas.

O 3° momento é de aprofundamento, tem a duração de 1 hora e 30 minutos e se inicia com o levantamento junto ao grupo das imagens sociais do que seriam Projetos de Vida e de Futuro ideais. Logo após esse debate, é projetado um conjunto de imagens, organizado em uma pesquisa do Google: "imagens de pessoas bem-sucedidas na vida". As imagens utilizadas apresentam pessoas, em sua maioria brancas, vestidas com terno e gravata ou vestidos, em salas de reunião, em frente a computadores, todas sorrindo, aparentemente felizes. São abordados elementos do imaginário social que nos condicionam a acreditar que somente projetos vinculados ao sucesso financeiro são exitosos. Para ilustrar esse debate, é exibido o curta-metragem "Nada"[3], que aborda a experiência de uma jovem negra, estudante de uma escola particular, que se nega a fazer o ENEM, o que repercute em conflitos com a escola e a própria família. O filme expressa o quanto as escolhas futuras podem ser momentos de crise e insegurança. O participante é convidado a pensar sobre seus projetos - um de curta, um de média e um de longa duração - refletindo sobre a importância de cada um em sua própria vida.

O 4° momento é o que chamamos de exercício de fixação do conhecimento trabalhado, serve como apreensão dos aprendizados do dia. Destaca-se por sua condição prática, ativa e tem a duração de 45 minutos. Cada um dos participantes apresenta para o grupo seus projetos e o grupo debate possíveis caminhos para sua devida efetivação.

3. https://www.youtube.com/watch?v=-YG6nqikbuU

O 5° momento é o fechamento da oficina, com a avaliação da experiência vivenciada pelos jovens e um retorno dado ao grupo de pesquisa e extensão, de modo que possam aprimorar as ações conforme os apontamentos dos participantes.

Juventudes e conflito com a lei: especificidades e estigmas

A juventude é uma categoria sociológica relativamente nova, remete à transição do século XIX e ganha maior nitidez em meados do século XX. Esse é um período no qual a crise social, resquício da primeira grande guerra, incide na realidade dos sujeitos jovens que não conseguem acessar o mercado de trabalho e sua autonomia financeira, permanecendo na casa dos pais. Esses indivíduos - que não eram crianças, mas também não eram adultos autônomos - passaram a ser considerados um problema social. Entendidos como desocupados, ocupavam o tempo ocioso em *gangs*, o que consolidou a ideia de serem desordeiros.
Se a juventude, no singular, aponta uma categoria sociológica, sua diversidade demanda o entendimento de sua condição multifacetada, o que nos leva a tratar das juventudes. Juarez Dayrell (2007) nos ajuda ao apresentar o conceito de Condição Juvenil:

> Existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica como os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos nos quais a produção social da juventude se desenvolve. (Dayrell, 2007, p. 1108).

Cientes de que a juventude não implica em um bloco único, cabe entender que esses sujeitos são marcados pelo lugar ocupado na sociedade. Tais indivíduos vivenciam as contradições de seu tempo e expressam condições específicas decorrentes de fatores como a classe social, a raça, o gênero, a orientação sexual, a religião professada, dentre outros. Estamos tratando de sujeitos em sua imensa maioria negros, pobres, com trajetórias escolares intermitentes ou obstaculizadas, marcados pelo não acesso a direitos mínimos e pela reprodução de um passado familiar de negações vivido pelas gerações que lhe antecederam.

Para melhor entender tal retrato social, recorremos às reflexões de Erving Goffman (2022), que elucida um processo no qual a sociedade estabelece a categorização das pessoas de acordo com o que o discurso elege como sendo o ideal, o que reverbera em apontar atributos pejorativos àqueles que não cumprem com o desejável.
Um processo de estigmatização, ou seja, de imputar a determinados sujeitos uma chaga, que serve para promover a aversão social de quem a carrega. Norbert Elias e John Scotson (2000) reforçam que a pobreza e a raça são fatores comuns ao tratarem de questões de distinção social entre estabelecidos e outsiders.

Todavia, em relação aos dados e registros oficiais que envolvem o processo de investigação e de tipificação dos crimes cometidos, as estatísticas se mostram capciosamente camufladas ao apresentarem uma parcela exponencialmente menor de atos cometidos por jovens em relação ao conjunto total de crimes (Spagnol, 2008). Em uma conjuntura na qual o Estado opta por mais investir em políticas de aprisionamento, travestidas como políticas públicas de segurança pública, defendemos que a opção pelo investimento na garantia de direitos inalienáveis de tais sujeitos, como educação, saúde, lazer, dentre outros, poderia contribuir em maior monta para o alcance de uma sociedade menos violenta, menos desigual e mais humana.

Projeto de vida e de futuro como direito a uma existência digna: o que os jovens têm a dizer

Os estigmas têm efeitos deletérios de maior

incidência sobre determinados sujeitos e, ao persistirem no decorrer dos anos, culminam na perpetuação de sua sentença, mesmo que, no caso de jovens em conflito com a lei, esses tenham cumprido suas responsabilidades e almejem novas oportunidades. Em conversa com Howard Becker, percebe-se que "para ser rotulado de criminoso só é necessário cometer um único crime, isso é tudo a que o termo formalmente se refere" (2019, p. 5). No imaginário social, um único ato desviante, mesmo quando já devidamente penalizado, reverbera na crença de que tais comportamentos possam novamente acontecer.

Em uma conjuntura de ampliação da espetacularização da violência, é plenamente compreensível o ódio direcionado a sujeitos que representam impunidade, uma quimera, visto que tais sujeitos sofrem na pele os efeitos de seus atos. A desumanização torna-se prática comum e, ao serem invisibilizados e alijados de seus direitos humanos mínimos, corre-se o risco de, ao retornarem à sociedade, estarem em piores condições. Daiane Ponciano Marquis (2023) nos ajuda a melhor ilustrar quem são esses jovens no Sistema Socioeducativo mineiro: em sua imensa maioria homens, com idade entre 15 e 17 anos, egressos das classes populares e moradores de periferia, negros em cerca de 80% do quantitativo, com o Ensino Fundamental como nível de instrução prevalecente, sendo parte considerável com distorções entre idade e série, ou histórico de abandono escolar.

Humanizar o processo de responsabilização pelos erros de tais sujeitos é claramente uma alternativa mais apropriada para no futuro termos pessoas mais afeitas ao bem comum retornando para o meio. Proporcionar um sentido para sua existência, a construção de expectativas, a mudança de atitudes, emerge com maior vigor ao poder pensar sobre um Projeto de Vida e Futuro condizente com uma existência digna. Em relação, por exemplo, aos jovens envolvidos com o tráfico de drogas, uma parte considerável projeta para seu futuro o abandono do crime, entretanto, esse desejo convive com a insegurança cotidiana de não saber se estará vivo no dia de amanhã. Uma situação ocorrida na oficina ilustra bem os elementos anteriormente apontados, um dos participantes, ao debater as palavras projeto, vida e futuro quando convidado a falar de seus projetos, destacou: "Eu não penso nisso, nem sei se vou estar vivo amanhã!". Uma fala que pode soar aparentemente como displicência, nos dá pistas de uma realidade algoz, que nega a alguns sujeitos sequer o direito de sonhar com o amanhã por saber dos riscos que povoam sua realidade.



Convictos da relevância dos dados retratados pelos trabalhos com os quais dialogamos e que nos apresentam elementos de uma realidade social em aspectos ampliados, passamos às singularidades trazidas pelos sujeitos participantes da oficina, com o intuito de explicitar os efeitos das violências e exclusões nas vidas

de pessoas reais, concretas e que podem falar de si para auxiliar na compreensão das especificidades contidas na história de cada um. Cumpre destacar que no decorrer da aplicação da oficina, um membro do projeto ficou responsável pela sistematização das falas e dos relatos trazidos pelos participantes, e tais dados nos dão a sustentação dos debates e reflexões propostos.



Antes de tratarmos das ações específicas, chamou a atenção dos extensionistas a seguinte situação sui generis: o professor estava na fila do bebedouro para pegar água e um dos jovens perguntou: "Você é policial?", para descontrair respondeu que não, que era professor, e fez uma outra pergunta: "Por que você achou que eu fosse policial?", obtendo como resposta que pelas suas feições, um homem com cabeça raspada, barba extensa e algumas tatuagens, estava parecendo policial civil, que anda descaracterizado e faz "batidas" para prender quem está "mexendo com coisa errada". Embora a situação pudesse direcionar a oficina para caminhos mais difíceis, embargando a participação dos jovens, em verdade se tornou motivo de riso do coletivo ao ser usada já no início da oficina, no momento da apresentação, para reforçar que estavam falando com um professor da universidade e não com um policial.

Todavia, mesmo com a tentativa de descontrair o ambiente, um primeiro instante da oficina foi marcado por respostas monossilábicas, sendo que alguns chegaram a perguntar: "Eu sou obrigado a participar?". A livre escolha sobre a participação fez com que, à medida que as ações fossem desenvolvidas, até os que se colocaram afastados da roda passassem a se aproximar, fazendo pequenas intervenções, e, felizmente, ao final da ação extensionista todos os participantes estavam engajados no processo. Tal situação joga luz sobre uma condição que nos parece recorrente em relação a esses sujeitos. Em suas trajetórias no socioeducativo, as experiências que vivem ditam regras rígidas a serem executadas e estar na condição de poder se manifestar livremente pode ter causado certo desconforto junto aos jovens. Ao tratar das "instituições totais", Goffman (2015) destaca sua capacidade de, ao privar a liberdade do indivíduo, privar também suas singularidades, sua identidade, fazendo com que esse perca, inclusive, o domínio do tempo e do que fazer a cada momento do seu dia, tudo é determinado pelo sistema e cada um se torna apenas mais um número.

Vencido o constrangimento inicial, ainda mais em se tratando de uma atividade na qual os sujeitos eram encorajados a falar de si, a oficina não contou com qualquer intercorrência, e aos olhos dos extensionistas foi, em verdade, satisfatório e marcada pela riqueza dos relatos.

Uma realidade explícita revela sujeitos invariavelmente marcados por trajetórias escolares conturbadas, sendo que a maioria não havia sequer concluído o Ensino Fundamental. Entre os que conseguiram, minimamente, trafegar pelos labirintos escolares, isso se deu especialmente por hábitos e comportamentos que foram nomeados como "fazer bagunça e zoação". Apesar de alguns se "culparem" pelas traquinagens da vida estudantil, não houve qualquer manifestação contrária ao reconhecimento da importância da escola e do conhecimento formal, assim como não houve também qualquer posicionamento que levasse em consideração o funcionamento da escola e suas práticas, por vezes veladas, no sentido de extirpar aqueles que tinham sua presença indesejada pelos conflitos e tensões proporcionados no cotidiano escolar.

Cientes de que elementos como as condições econômicas, sociais e culturais servem de embargo a projetos com fronteiras mais dilatadas, projetos mais ambiciosos quanto ao que se almeja "ser na vida", nos cabe apontar o quanto o imaginário dos jovens em conflito com a lei se depara com um paradoxo de grandes proporções. Sujeitos estigmatizados que, pela negação de direitos básicos como a educação, muito provavelmente não alcançarão a condição de "ser alguém na vida". Principalmente se a expectativa em relação a essa condição se resumir à posse de riqueza, mansões e carros do ano, percebe-se que isso se mostra algo quase impossível de ser efetivado.

Um dos jovens, ao socializar com o grupo suas ambições futuras, reforçou que no futuro "eu quero ter minha BM[4], uma casa boa e minha mulher ao meu lado". Quando perguntado sobre quais caminhos poderiam ser trilhados para alcançar seus desejos, o mesmo jovem disse que não sabia ainda como faria para ter tudo aquilo que queria, mas que tinha certeza de que iria conseguir. Apesar da aparência de pouca idade, o jovem em questão expressou uma posição convicta quanto às suas ambições futuras. Esse tipo de idealização nos dá pistas para compreender o modo como tais sujeitos enxergam o que seria um projeto de vida e de futuro exitoso, mesmo que sem levar em consideração todos os obstáculos a serem enfrentados, sobretudo, por sujeitos egressos das classes populares e em uma condição momentânea como pertencente ao sistema socioeducativo.

Em relação aos posicionamentos das jovens meninas presentes, cerca de 4 em um quantitativo de 25 participantes, as falas tinham um outro viés, com maior vínculo à busca por uma formação profissional, ao desejo de cursar universidade e se tornarem delegadas, juízas e até peritas criminais. Até mesmo as profissões escolhidas dão pistas sobre o que pode significar, para tais sujeitos, um projeto de vida e de futuro que permita "ser alguém na vida", profissões com as quais muito provavelmente já conviveram ou se relacionaram em algum momento de suas vidas e que projetam a imagem de um ideal. Entre ambições ufanistas como ser jogador de futebol, rapper, MC, fazer sucesso e ganhar dinheiro, outras tantas com uma maior possibilidade de êxito também apareceram, como tirar a carteira de habilitação, comprar uma motocicleta e trabalhar com aplicativos, fazer curso de mecânica e abrir sua oficina, aprender uma profissão e conseguir ter uma vida boa.

O debate empreendido na oficina dista em grande medida de um intuito meramente ocupacional, apesar da centralidade da vida cotidiana de todos

4. BM é a forma sintetizada para se referir a um automóvel da marca BMW, Bayerische Motoren Werke, montadora alemã, que no imaginário social brasileiro representa o que seria um carro de luxo.

nós ser marcada pela dimensão do trabalho. Contudo, nos cabe destacar que as discussões propostas, desde seu cerne, ainda quando da elaboração da ação extensionista, tinham um propósito maior de apresentar aos envolvidos outros caminhos possíveis quanto ao seu lugar na sociedade, quanto aos projetos de vida a serem erigidos. Tendo em vista que muitos poderiam nunca sequer ter pensado sobre o que foi debatido, acreditamos que somente o fato de serem vistos por um outro prisma, de perceberem a crença em seus potenciais, possa ter servido como fator de inquietação e reflexão sobre o que viviam e o que esperavam ainda viver.

Considerações finais

Ao findar desse trabalho, estamos seguros em dizer que, nas oficinas, a realidade concreta dos sujeitos, ao ser ecoada por suas próprias vozes, ganha maior força e tonalidades de denúncia, trazendo à baila uma estrutura social que historicamente os mantém na condição de marginalizados, na qual a negação de direitos básicos repercute diretamente em trajetórias conturbadas.

Em que pese a continuidade perene da exclusão das classes pobres ao acesso a seu direito, sem pretensão de romantizar o debate, nos parece que intervenções humanitárias junto a tais sujeitos possam ser fator capaz de causar desequilíbrios e potenciais mudanças.

Ainda caminhando nesse debate, cumpre reforçar que o investimento do Estado em políticas públicas de garantia ao acesso à educação, saúde, lazer, dentre outros direitos básicos, seja mais eficaz para o alcance de uma sociedade menos violenta e mais segura, ao invés de políticas que criminalizam a pobreza, absolutamente destinadas ao aprisionamento dos marginalizados.

Seria ufanismo a crença que uma ação sazonal fosse capaz de sanar um problema enredado em contradições intrínsecas à ordem social, contudo, cabe defender que um conjunto de ações semelhantes e em defesa do direito à humanidade possa advogar que tais sujeitos aspirem uma outra forma de existir e, quando aglutinadas, essas atividades possam servir para incutir nas reflexões dos jovens outros horizontes possíveis.

Agradecimentos

À Pró-reitoria de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais que por meio dos Editais PAEX de apoio às atividades de extensão proporcionou o oferecimento de bolsa estudantil para o referido projeto nos anos 2023, 2024, 2025 e 2026 e bolsa docente no ano de 2023. ◂

Referências Bibliográficas

BECKER, H. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019

DAYRELL, J. *A Escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. In. Vieira, M. M. (org.). Atores educativos: escola, jovens e mediação. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

MARQUIS, D. E. P. *A política pública de atendimento socioeducativo em Minas Gerais sob a perspectiva do ciclo de políticas*. 2023. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais.

SOARES, C. B. et al. *Oficinas emancipatórias como instrumento de formação em saúde coletiva para o cuidado da família*. Revista Investigação Qualitativa em Saúde. [S.l.], v.1, 2019.